

O esperarçar de Paulo Freire na luta por um projeto emancipador

A segunda edição da *Revista Estudos do Sul Global* (RESG) tem a grata satisfação de apresentar uma reflexão profunda e necessária sobre o legado de Paulo Freire, cujo tema é *Cem anos de Paulo Freire: um projeto de esperança*, uma forma de reconhecer e homenagear uma das principais referências mundiais do debate sobre educação popular como práxis libertadora. Ao mesmo tempo, queremos vincular a memória, o legado e os desafios da educação popular a um debate de projeto para pensar a realidade brasileira, latino-americana e do Sul Global.

Comprendemos que a construção do centenário de Paulo Freire extrapola a sua natureza celebrativa, já que as atividades realizadas e em andamento abrem a oportunidade de reforçar a formação de militantes e disputar ideologicamente a sociedade. Nesse sentido, a nossa homenagem a Paulo Freire manifesta-se pelo compromisso com a educação popular, um dos fundamentos da concepção pedagógica, que foi capaz de movimentar a luta política no Brasil e no mundo pela inquietude e radicalidade de suas ideias na construção de um projeto emancipador.

Paulo Reglus Neves Freire nasceu em Recife, Pernambuco, no dia 19 de setembro de 1921, e faleceu em São Paulo no dia 2 de maio de 1997. A sua práxis está presente na organização do Movimento de Cultura Popular (MCP), em 1960, com o processo de alfabetização

e manifestações culturais. A sua atuação é fortemente reconhecida como educador nos programas ou serviços de extensão e cultura, questionando o método de alfabetizar o povo por meio de cartilhas que não tinham relação direta com a vida das pessoas; ou seja, com a realidade concreta. Freire decide começar algumas experiências para reformular o processo de alfabetização até chegar na experiência de Angicos, no Rio Grande do Norte (1963), repercutida e tomada como exemplo desde então.

As experiências de alfabetização nas quais Freire se empenhou eram mais que decodificar símbolos para uma leitura estática da realidade; ele contribuiu em alfabetizar politicamente os sujeitos oprimidos por meio da problematização da realidade, desde a vida concreta daqueles que estavam inseridos nas experiências. Por isso, podemos afirmar que Freire provocou um debate sobre a sociedade em geral, buscando compreender e encontrar soluções para a melhoria das condições sociais dos sujeitos, enxergando na educação um dos meios para garantir a libertação dos oprimidos.

O nosso homenageado *é* (no presente, pela atualidade do seu pensamento) um educador preocupado com a formação humana. Por causa de sua prática foi para o cárcere duas vezes durante a ditadura civil-militar no Brasil, sendo exilado para a Bolívia, Chile, Estados Unidos e Suíça. Neste último país, atuou na assessoria do chamado Terceiro Mundo, especialmente no continente africano. Em 2012 é declarado Patrono da Educação Brasileira. Paulo Freire é um pedagogo do nosso tempo, um sujeito histórico, um educador que assumiu o compromisso com os menos favorecidos, buscando construir alternativas de libertação. Pode-se afirmar que ele é amado por quem ama o povo e odiado por quem quer manter o povo oprimido.

Sem dúvida, uma das grandes características de Paulo Freire é a defesa da educação, no sentido amplo da formação humana, mobilizando ações concretas no campo da alfabetização, da escolarização e da dimensão cultural emancipadora. A sua crítica severa à educação bancária que domestica e atrofia qualquer reflexão lúcida sobre a realidade, que impossibilita os sujeitos de se reconhecerem protagonistas dos processos históricos, é a síntese de sua práxis libertadora. A educação libertária que Freire problematiza se sustenta na construção da consciência crítica, deixando evidente na obra *Pedagogia do Oprimido* (1970) na qual apresenta os dois momentos distintos na formação da consciência: o *desvelamento do mundo da opressão* e o *processo permanente de libertação* (p. 27).

O legado de nosso educador do povo, como algumas organizações populares o identificam no Brasil, influencia internacionalmente as pessoas e diversas experiências de educação popular que buscam desvelar a realidade e formar consciências críticas, implementando um projeto educativo humanizador que transita para a transformação social. Dentre essas experiências, destacamos a Escola Nacional Florestan Fernandes (NEFF) e a Escola Nacional Paulo Freire (ENPF), parceiras do Instituto Tricontinental nesta edição da RESG.

Celebrar os 100 anos de Paulo Freire é um convite para revisitarmos profundamente as nossas práticas políticas, a sua eticidade e restabelecemos um novo pacto com a esperança, pois temos muito o que fazer pela transformação humana e social, numa perspectiva revolucionária, relacionando profundamente o conteúdo e a forma do ponto de visto político e pedagógico.

Esta edição comemorativa contém a publicação de 25 textos, organizados em três blocos, divididos entre textos de convidados, artigos recebidos e resenhas. Agradecemos e destacamos a valorosa colaboração dos/as convidados/as, como o caso da Isabela Camini com o texto *Atualidade de Paulo Freire e os dilemas da pandemia*, ao trazer uma reflexão sobre a atualidade de Paulo Freire para o Brasil e para o mundo no contexto da pandemia, da cubana Esther Pérez, uma das maiores referências sobre o tema, com o artigo *A promessa da Pedagogia do Oprimido*, em que discorre sobre o campo do trabalho prático e teórico que se costuma denominar de muitas maneiras: educação popular, pedagogia do oprimido, pedagogia libertadora, pedagogia dialógica. Neste artigo, Esther levanta uma questão fundamental: a educação popular é um movimento popular ou é uma ferramenta que está a serviço dos movimentos populares? Oscar Jara, outro convidado, nos presenteou com o artigo *Sistematização de Experiências: Uma proposta enraizada na história Latino Americana*, ao apresentar a Sistematização de Experiências como um processo latino-americano, fruto do esforço de construção de nossos próprios marcos de interpretação teórica a partir das nossas condições particulares de realidade.

Além destes, a revista ainda traz uma série de outros artigos que perpassam desde o debate sobre os meios de comunicação em tempos de desinformação e manipulação; sobre experiências formativas da Central Única dos Trabalhadores (CUT), do Levante Popular da Juventude e de cursinhos populares que tem como base a teoria de Paulo Freire; discutem o papel da ciência hegemônica a serviço do capitalismo e o papel de uma “ciência popular”; argumentam sobre a importância de métodos alternativos de solução de conflitos no judiciário como instrumento pedagógico de construção de autonomias; analisam as transformações no mundo

do trabalho e a constituição do precariado no contexto atual do neoliberalismo; além de transcenderem as fronteiras brasileiras, ao trazerem reflexões sobre as trajetórias e encontros entre Frantz Fanon e Paulo Freire e educação e luta popular no Sul Global.

Nesta edição, contamos também com um precioso trabalho produzido por artistas nacionais e internacionais a partir da chamada *Esperanças, 100 anos de Paulo Freire*, cujas ilustrações demonstram que as ideias de Freire ainda são fundamentais para nossa prática militante.

Por fim, aos leitores e leitoras da RESG, com a certeza de que estamos fazendo história como seres inacabados – já que a realidade é inacabada e, portanto, o capitalismo não é o fim –, vale ressaltar a necessidade de cultivarmos o *esperançar* de fazermos uma sociedade diferente, baseada num projeto de emancipação, para, assim, irmos construindo a sociedade que queremos a nós e às futuras gerações.



Viva Paulo Freire!!